

VOCABULÁRIO ARISTOTÉLICO

Noûs νοῦς

« Junho de 2009 »

1. Traduções

1.1. Traduções em português.

Inteligência: ÉTICA A NICÔMACOS, trad. Mário da Gama Kury, Brasília: UnB, 1992.

Inteligência: DE ANIMA, trad. Lucas Angioni, Campinas: Textos Didáticos-Universidade Estadual de Campinas, 1999.

Razão intuitiva: ÉTICA A NICÔMACOS, trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross, São Paulo: Ed. Abril Cultural (Os pensadores), 1973.

Intelecto: DA ALMA, trad. Carlos Humberto Gomes, Rio de Janeiro: Edições 70, 2001,

1.2. Traduções em outras línguas.

Intelecto: RAZÃO E SENSACÃO EM ARISTÓTELES, Marco Zingano, Porto Alegre: L&PM, 1998.

Intuition: LE PROBLÈME DE L'ÊTRE CHEZ ARISTOTE, Pierre Aubenque, Paris: PUF, 1943.

1.3. Traduções acessíveis pela Internet.

De Anima, On the Soul, translated by J. A. Smith.

<http://classics.mit.edu//Aristotle/soul.html>

2. Análise e Discussão

2.1. Definições

ὁ ἄρα καλούμενος τῆς ψυχῆς νοῦς (λέγω δὲ νοῦν ὃ διανοεῖται καὶ ὑπολαμβάνει ἢ ψυχὴ) οὐθέν ἐστιν ἐνεργεία τῶν ὄντων πρὶν νοεῖν· διὸ οὐδὲ μεμῖχθαι εὐλογον αὐτὸν τῷ σώματι· ποίος τις γὰρ ἂν γίνοιτο, ἢ ψυχρὸς ἢ θερμὸς, καὶ ὄργανόν τι εἶη, ὥσπερ τῷ αἰσθητικῷ· νοῦν δ' οὐθὲν ἔστιν.

Por conseguinte, a assim chamada inteligência da alma (entendo por inteligência aquilo por meio de quê a alma pensa e concebe) não é nenhuma realidade atualmente em vigor antes de pensar; por isso, diz-se com propriedade não estar ela unida ou misturada ao corpo; pois, desse modo, teria alguma qualidade e se tornaria quente ou fria, ou então também haveria algum órgão, tal como na faculdade sensível; ora, é certo que não há nenhum. (*De Anima*, 429a22-27, trad. Francisco Moraes).

L'intuition n'est que le corrélat cognitif du principe, son mode d'être connu: il est ce sans quoi le principe ne peut pas être connu, *si du moins il est connaissable*. (Pierre Aubenque, *Le problème de l'être chez Aristote*, p. 56).

A intuição nada mais é do que o correlato cognitivo do princípio, seu modo de ser conhecido: ela é aquilo sem o qual o princípio não pode ser conhecido, *se é que realmente ele pode ser conhecido*. (Trad. Francisco Moraes).

2.2. Etimologia

Segundo CHANTRAINE, Pierre. Dictionnaire Étimologique de La Langue Grecque. Paris: Klincksieck, 1990, v. 1.

Nóos (νόος) (forma contrata: **noûs**); 1) *Sentido*: inteligência, espírito, no momento em que percebe e pensa. 2) *Verbo de origem*: **noéo** (voέω), cujo sentido corresponde exatamente ao de **nóos**, a saber, “ver, perceber”. 3) *Derivados*: **nóema** (νόημα), “percepção, inteligência, pensamento”, em Arist. designa um conceito por oposição às sensações; **noetós** (νοητός), adjetivo, “mental”. 4) *Etimologia*: **nóos** pode ligar-se a **neúo** (νεύω), que significa fazer um sinal com a cabeça, um sinal cheio de sentido, um sinal de assentimento; ou a **núnamai** (νύναμαι) - forma cretense - que significa: eu posso; ou a **neo** (νέω): nadar; ou ainda pode remeter a algo assim como “salvar”, sendo esta última possibilidade depreendida de certos nomes próprios, tais como **Aristónous** (Homero), o que salva a nobreza, ou **Eúnoos**, o que salva o bem.

2.3. Passagens importantes

ὁ δὲ νοῦς ἴσως θειότερόν τι καὶ ἀπαθές ἐστιν.

A inteligência, por sua vez, é provavelmente algo mais divino e impassível. (*De Anima*, 408b29, trad. Francisco Moraes).

ὥσπερ τὸ αἰσθητικὸν πρὸς τὰ αἰσθητά, οὕτω τὸν νοῦν πρὸς τὰ νοητά.

E, assim como a faculdade sensível está para as coisas sensíveis, assim também a inteligência está para as inteligíveis. (*De Anima*, 429a17-18, trad. Francisco Moraes).

τὸ μὲν γὰρ αἰσθητικὸν οὐκ ἄνευ σώματος, ὁ δὲ χωριστός.

Pois enquanto a faculdade sensível não pode prescindir do corpo, a inteligência acha-se à parte. (*De Anima*, 429b4-5, trad. Francisco Moraes).

δ' οὕτως ὥσπερ ἐν γραμματείῳ ᾧ μηθὲν ἐνυπάρχει ἐντελεχεῖα γεγραμμένον· ὅπερ συμβαίνει ἐπὶ τοῦ νοῦ.

Tal como num quadro onde nada se encontra atualmente escrito, assim a inteligência. (*De Anima*, 430a1, trad. Francisco Moraes)

Ἐπεὶ δ' [ὥσπερ] ἐν ἀπάσῃ τῇ φύσει ἐστὶ [τι] τὸ μὲν ὕλη ἐκάστῳ γένει (τοῦτο δὲ ὁ πάντα δυνάμει ἐκεῖνα), ἕτερον δὲ τὸ αἷτιον καὶ ποιητικόν, τῷ ποιεῖν πάντα, οἷον ἡ τέχνη πρὸς τὴν ὕλην πέπονθεν, ἀνάγκη καὶ ἐν τῇ ψυχῇ ὑπάρχειν ταύτας τὰς διαφοράς· καὶ ἔστιν ὁ μὲν τοιοῦτος νοῦς τῷ πάντα γίνεσθαι, ὁ δὲ τῷ πάντα ποιεῖν, ὡς ἕξις τις, οἷον τὸ φῶς· τρόπον γὰρ τινα καὶ τὸ φῶς ποιεῖ τὰ δυνάμει ὄντα χρώματα ἐνεργεῖα χρώματα. καὶ οὗτος ὁ νοῦς χωριστός καὶ ἀπαθής καὶ ἀμιγής, τῇ οὐσίᾳ ὦν ἐνέργεια·

Assim como em toda a natureza há algo que é a matéria para cada gênero (sendo isto todos os gêneros em potência), e um outro que é a causa e responde pela produção, pelo fato de tudo produzir, tal como a arte com relação à matéria, também é preciso que subsistam na alma as mesmas diferenças. De fato, há também, por um lado, uma certa inteligência na qual tudo vem a ser, e, por outro lado, uma inteligência que produz todas as coisas, e que é

uma disposição ou estado semelhante à luz, pois de certo modo a luz também produz as cores atualmente em vigor a partir das cores virtuais. E é esta a inteligência que é separada, impassível e sem mistura, sendo essencialmente em ato. (*De Anima*, 430a10-18, trad. Francisco Moraes).

Ἐπεὶ δ' ἡ ἐπιστήμη περὶ τῶν καθόλου ἐστὶν ὑπόληψις καὶ τῶν ἐξ ἀνάγκης ὄντων, εἰσὶ δ' ἀρχαὶ τῶν ἀποδεικτῶν καὶ πάσης ἐπιστήμης (μετὰ λόγου γὰρ ἡ ἐπιστήμη), τῆς ἀρχῆς τοῦ ἐπιστητοῦ οὐτ' ἂν ἐπιστήμη εἴη οὔτε τέχνη οὔτε φρόνησις· τὸ μὲν γὰρ ἐπιστητὸν ἀποδεικτόν, αἱ δὲ τυγχάνουσιν οὔσαι περὶ τὰ ἐνδεχόμενα ἄλλως ἔχειν. οὐδὲ δὴ σοφία τούτων ἐστίν· τοῦ γὰρ σοφοῦ περὶ ἐνίων ἔχειν ἀπόδειξιν ἐστίν. εἰ δὴ οἷς ἀληθεύομεν καὶ μηδέποτε διαψευδόμεθα περὶ τὰ μὴ ἐνδεχόμενα ἢ καὶ ἐνδεχόμενα ἄλλως ἔχειν, ἐπιστήμη καὶ φρόνησίς ἐστι καὶ σοφία καὶ νοῦς, τούτων δὲ τῶν τριῶν μηδὲν ἐνδέχεται εἶναι (λέγω δὲ τρία φρόνησιν ἐπιστήμην σοφίαν), λείπεται νοῦν εἶναι τῶν ἀρχῶν.

Sendo o conhecimento científico a suposição acerca do universal e do que é por necessidade, e sendo estes os princípios das coisas que podem ser demonstradas e de toda ciência (pois a ciência se acompanha de razão), então do princípio da ciência não pode haver ciência, nem arte e nem prudência; pois o que é tema de ciência pode ser demonstrado, e a arte e o discernimento tratam de coisas que podem ser de outro modo. Tampouco há sabedoria destes, pois é próprio do filósofo (sábio) apreender algumas coisas por meio de demonstração. Se, porém, as virtudes por meio das quais nós desvelamos a verdade e que nunca nos enganam a propósito das coisas que podem ser de outro modo e das que não o podem, são a ciência, a prudência, a sabedoria e a inteligência, e se nenhuma destas três pode ser a que procuramos (a saber, prudência, ciência e sabedoria), resta ser a inteligência a virtude dos princípios. (*Ética a Nicômacos*, 1140b31 - 1141a8, trad. Francisco Moraes).

καὶ ὁ νοῦς τῶν ἐσχάτων ἐπ' ἀμφοτέρα· καὶ γὰρ τῶν πρώτων ὄρων καὶ τῶν ἐσχάτων νοῦς ἐστὶ καὶ οὐ λόγος, καὶ ὁ μὲν κατὰ τὰς ἀποδείξεις τῶν ἀκινήτων ὄρων καὶ πρώτων, ὁ δ' ἐν ταῖς πρακτικαῖς τοῦ ἐσχάτου καὶ ἐνδεχομένου καὶ τῆς ἐτέρας προτάσεως· ἀρχαὶ γὰρ τοῦ οὗ ἔνεκα αὐταὶ ἐκ τῶν καθ' ἕκαστα γὰρ τὰ καθόλου· τούτων οὖν ἔχειν δεῖ αἰσθησιν, αὕτη δ' ἐστὶ νοῦς.

E a inteligência é o extremo para ambos; pois tanto dos primeiros limites quanto dos extremos há inteligência e não razão; ao longo das demonstrações a inteligência diz respeito aos limites primeiros e imutáveis, e nas ações ela diz respeito ao extremo, ao que é possível (contingente) e à premissa menor, pois estes são os princípios do que é fim, uma vez que é a partir dos indivíduos que se chega ao universal. Destes, portanto, é preciso que haja percepção, e esta, porém, é inteligência. (*Ética a Nicômacos*, 1143a35 - 1143b5, trad. Francisco Moraes).

Comentário: O âmbito onde se pode reconhecer a presença da inteligência é muito vasto e ultrapassa inclusive a distinção entre teoria e prática. Por um lado, nas ciências é a inteligência que apreende as primeiras definições, definições estas que não podem ser objeto de demonstração (por exemplo: que a soma dos ângulos de um triângulo seja igual a de dois retos). Por outro lado, a inteligência também se faz presente, de forma determinante, na ação e na produção. Na ação, graças à percepção do que é extremo (o próprio bem agir, que, entretanto, não pode ser percebido fora da ação); na produção, pela percepção do contingente, ou seja, do que tanto pode ser quanto pode igualmente não ser, e

que por isso pode ser produzido, e pela percepção da premissa menor. Com efeito, como diz o próprio Aristóteles (*Ética a Nicômacos*, 1141b), se sabemos que os alimentos leves são necessários para o restabelecimento da saúde (maior) e não sabemos que a galinha, por exemplo, é um alimento leve (menor), é provável que não recuperemos a saúde, ao passo que para aquele que sabe disso, mesmo sem ter o menor conhecimento de medicina, não é difícil que ele a recobre.

ὁ δὲ τοιοῦτος ἂν εἴη βίος κρείττων ἢ κατ' ἄνθρωπον· οὐ γὰρ ἡ ἄνθρωπος ἐστὶν οὕτω ἰώσεται, ἀλλ' ἡ θεῖόν τι ἐν αὐτῷ ὑπάρχει· ὅσον δὲ διαφέρει τοῦτο τοῦ συνθέτου, τοσοῦτον καὶ ἡ ἐνέργεια τῆς κατὰ τὴν ἄλλην ἀρετῆν. εἰ δὲ θεῖον ὁ νοῦς πρὸς τὸν ἄνθρωπον, καὶ ὁ κατὰ τοῦτον βίος θεῖος πρὸς τὸν ἀνθρώπινον βίον. οὐ χρὴ δὲ κατὰ τοὺς παραινούντας ἀνθρώπινα φρονεῖν ἄνθρωπον ὄντα οὐδὲ θνητὰ τὸν θνητόν, ἀλλ' ἐφ' ὅσον ἐνδέχεται ἀθανατίζειν καὶ πάντα ποιεῖν πρὸς τὸ ζῆν κατὰ τὸ κράτιστον τῶν ἐν αὐτῷ· εἰ γὰρ καὶ τῷ ὀγκῷ μικρόν ἐστι, δυνάμει καὶ τιμιότητι πολὺ μᾶλλον πάντων ὑπερέχει. δόξειε δ' ἂν καὶ εἶναι ἕκαστος τοῦτο, εἴπερ τὸ κύριον καὶ ἄμεινον. ἄτοπον οὖν γίνοιτ' ἂν, εἰ μὴ τὸν αὐτοῦ βίον αἰροῖτο ἀλλὰ τινος ἄλλου. τὸ λεχθέν τε πρότερον ἀρμόσει καὶ νῦν· τὸ γὰρ οἰκεῖον ἐκάστῳ τῇ φύσει κράτιστον καὶ ἥδιστόν ἐστιν ἐκάστῳ· καὶ τῷ ἀνθρώπῳ δὴ ὁ κατὰ τὸν νοῦν βίος, εἴπερ τοῦτο μάλιστα ἄνθρωπος. οὗτος ἄρα καὶ εὐδαιμονέστατος.

Esta, porém, seria uma vida melhor do que a humana; pois não é como homem que se viverá deste modo, mas segundo algo divino que domina nele; este, porém, tanto mais difere do que é composto, tanto mais sua atividade se destaca de outra virtude. Se então a inteligência é divina para o homem, também a vida segundo esta é divina em comparação com a vida humana. Não é preciso, porém, conforme as exortações nos aconselham, que o homem pense as coisas humanas, e nem que o mortal pense as coisas mortais, mas tanto quanto possível é preciso imortalizar e tudo fazer para viver segundo o que há de melhor em nós mesmos. Pois se é pequeno quanto à imponência (fausto), em potência e valor sobrepuja tudo o mais. Também cada um acreditaria ser isto, se é verdade ser o que domina e o melhor. Portanto, estranho seria se não preferisse a própria vida, mas sim a de algum outro. O que foi dito anteriormente também agora estará de acordo; pois o que por natureza é próprio a cada um é o mais vigoroso e o mais agradável para cada um. Para o homem é a vida conforme a inteligência, se é verdade que a inteligência é aquilo que o homem mais é. Por conseguinte, esta também será a mais feliz. (*Ética a Nicômacos*, 1177b26 - 1178a8, trad. Francisco Moraes).

2.4. Discussão conceitual

No livro VI da *Ética a Nicômacos*, Aristóteles trata das chamadas virtudes dianoéticas ou virtudes do pensamento. Estas são ao todo as seguintes: 1) a arte (*téchne*), 2) a ciência (*epistéme*), 3) a prudência (*phrónesis*), 4) a sabedoria (*sophía*), e 5) a inteligência (*noûs*). Em sua exposição Aristóteles agrupa essas virtudes, em primeiro lugar, de acordo com a natureza de seus princípios. Logo de saída teríamos então uma primeira divisão e agrupamento conforme a natureza mutável ou imutável dos princípios. Assim, enquanto os princípios da ciência são imutáveis e eternos, os princípios da arte e da prudência se encontram sujeitos à mudança, sendo, portanto, variáveis. Pois enquanto a ciência se relaciona com coisas que não podem deixar de ser assim como são, as coisas com as quais a arte e a prudência se relacionam podem ser de outro modo. A prudência e a arte se relacionam com o contingente, ou seja, com aquilo que tanto pode ser quanto pode igualmente não ser, e a ciência, pelo contrário, com as coisas que existem necessariamente.

Todavia, para poderem ser aquilo que são, cada uma dessas virtudes necessita de uma outra que não se acha subordinada a essa divisão. Essa virtude que possibilita aquelas três outras virtudes anteriormente mencionadas é a inteligência (*noûs*). A inteligência goza, portanto, segundo Aristóteles, de um privilégio indiscutível em relação a todas as demais virtudes, pois deve estar presente em cada uma, sem que se deixe reduzir a nenhuma delas.

Na ciência, a inteligência permite perceber (percebe) aquelas definições primárias, que não sendo elas mesmas objeto de demonstração, se constituem no seu ponto de partida necessário. Por exemplo, a percepção de que aqui se trata de um triângulo, ou a percepção de que a soma de seus ângulos corresponde a dois ângulos retos não permite, por si mesma, nenhuma demonstração matemática, e, no entanto, é deste tipo de percepção que a matemática precisa insistentemente partir e para a qual ela sempre deve retornar. Da mesma forma, no que diz respeito às virtudes que se relacionam com as coisas variáveis, ou seja, a arte e a prudência, é preciso sempre partir do particular para se chegar ao universal. Assim, tanto a arte quanto a prudência necessitam sempre partir de algo que não pode ser obtido apenas por seu intermédio. Com efeito, a presença do fato particular como tal ultrapassa o âmbito do fazer e do agir, pois não se delibera sobre se isto é ou não é um sapato, ou sobre as ações que podem ser empreendidas como tais, mas sim sobre os meios de produzir um determinado sapato e sobre a oportunidade de uma determinada ação, sobre aquilo que em cada caso impõe-se fazer.

Tanto na demonstração quanto na deliberação sempre nos deparamos com algo que não pode ser nem demonstrado e nem tampouco deliberado, mas sem o qual nenhuma demonstração e nenhuma deliberação seriam possíveis. Este “algo” nos é acessível pela inteligência, que é assim uma compreensão do ser necessariamente anterior a toda deliberação e a toda demonstração.

3. Bibliografia

3.1. Obras encadeadas hipertextualmente.

RORTY, A. O. **The Place of Contemplation in Aristotle's Nicomachean Ethics**. Oxford Journals: MIND (mind Association), 1978.

http://mind.oxfordjournals.org/cgi/pdf_extract/LXXXVII/3/343

3.2. Outras obras

ARISTÓTELES. **Aristotelis Opera**. Ex. recensione Immanuelis Bekkeri, edidit Academia Regia Borussica, 5 v., Berlin, 1831-1870.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método (traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica)**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

CHANTRAÎNE, Pierre. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque (Histoire des mots)**. Paris: Éditions Klincksieck, 1984.

AUBENQUE, Pierre. **Le problème de l'être chez Aristote**. Paris: P.U.F, 1972.

SNELL, Bruno. **A descoberta do espírito**. Lisboa: Edições 70, 1980.

ONIAN, Richard Broxton. **Les origines de la pensée européenne**. Paris: Seuil, 1991.

DE CORTE, Marcel. **La Doctrine de l'Intelligence chez Aristote**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1934.

ZINGANO, Marco. **Razão e sensação em Aristóteles (Um Ensaio sobre De Anima III 4-5)**. Porto Alegre: L&PM, 1998.

4. Autores.

Francisco Moraes, agosto de 2001